

SINDICATOS ESCRAVIZADOS

VER NA 4.ª PÁGINA

AÇÃO DIRETA



Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO VI — N.º 79

Rio de Janeiro, Março e Abril de 1952

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.588

FRANCO ASSASSINA

COMBATER SISTEMATICAMENTE O BOLCHEVISMO É PROPAGAR A TIRANIA DE STÁLIN

Por MANUEL PERES

Joseph Stálin, o funesto ditador soviético, deve estar radiante com a excelente propaganda que Truman e os componentes do chamado-Bloco Democrático fazem do seu sistema totalitário, pois essa propaganda é muito mais eficaz que a obra do Komintern e seus agentes, infiltrados em todos os recantos do mundo.

A história demonstra que toda idéia, boa ou má, quando perseguida sistematicamente, sem argumentos sólidos, que demonstrem que seus adversários têm soluções mais justas e práticas para os graves problemas humanos, longe de ser vencida, aumenta mais e mais o seu prestígio entre as massas populares, já que os seus defensores são transformados em autênticos mártires.

É isto o que acontece atualmente com o combate sem tréguas ao sistema soviético, regime idêntico ao que existia na Itália e na Alemanha, e ao qual, como suprema ironia, o capitalismo internacional dá o nome de Comunismo, nome este que serve para valorizar, dando-lhe caráter social, a mais cruel de todas as ditaduras.

É digo isso porque, na Rússia, não existe comunismo, nem ao menos vestígios de socialismo ou coletivismo, e sim um Estado totalitário e absoluto, que, transformando os homens em verdadeiros escravos, atenta contra os princípios fundamentais da liberdade humana.

Porque, em boa lógica, comunismo e socialismo são incompatíveis com o Estado, já que ambos têm como base fundamental, a socialização de todas as riquezas e o reconhecimento pleno de todos os direitos e liberdades.

LUTA DE IMPERIALISMOS

É legítima comédia afirmar que Truman e seus aliados, ao combaterem o comunismo, defendem a liberdade e a felicidade de todos os povos do mundo já que a maioria desses povos vivem escravizados aos dois imperialismos, pois se é certo que a China e os países da chamada — Cortina de Ferro — estão submetidos à crueldade soviética, não é menos certo que, amparadas pelo bloco democrático, existem ditaduras terribes na Europa e na América. Vejamos.

Na Espanha, sob o regime de Franco, existe o mais bárbaro de todos os fascismos, pois o caudilho ibérico não foi apenas discípulo dileto de Hitler, como também seu aliado no decorso da última guerra mundial, e Franco é, hoje, aliado de Truman. Este permite o assassinio dos espanhóis amantes da liberdade e ainda tem o cinismo de enviar a Franco dólares e armamentos para ajudá-lo (suprema ironia!) a defender com o seu exército a causa da verdadeira democracia...

Portugal tem como ditador Oliveira Salazar e conta, como a Grécia, com a proteção da Inglaterra, que tolera todas as tiranias desde que os ditadores lhe concedam vantagens para o domínio dos mares, e ninguém ignora que o Reino Unido é uma obra prima de pirataria...

Na América, temos ditaduras na Venezuela, no Peru, na Bolívia, na República Dominicana, na Argentina, no Paraguai e, como complemento, os chamados campeões da liberdade, num atentado profundo à dignidade huma-

na, queimam negros na praça pública, numa demonstração patente de incultura, pois, como bem afirmava um pensador castelhano — O Dolar é símbolo da mentalidade yanque.

NÓS E O COMUNISMO RUSSO

Ninguém combate o comunismo russo com mais lógica e maiores argumentos do que os anarquistas, porque sabemos o perigo que Stálin e seus satélites representam para o futuro da humanidade, e o sabemos por experiência própria pois vimos de perto os crimes abomináveis que eles cometeram na Espanha e cometem hoje nos países que vivem submetidos ao seu domínio.

É este combate nosso é sincero pois parte de homens que lutam por um futuro melhor e mais humano, homens que querem instaurar no mundo o verdadeiro socialismo, assegurando a todos os habitantes do globo uma existência de paz, amor e felicidade.

É, porque amamos e defendemos essa liberdade, combatemos sem descanso todas as tiranias, seja qual for o sistema político que as encarne, pois onde faltam ao homem os direitos que dignificam a sua existência, existe tirania, não importa que tenha o nome de Pátria do Proletariado e um ditador chamado Stálin, ou república democrática com Truman por presidente.

(Continua na 2.ª pag.)

OS BRAVOS MILITANTES DA C. N. T. O POVO ESPANHOL SABERÁ REAGIR À ALTURA



RELACÃO DOS CONDENADOS NOS CONSELHOS DE GUERRA DE SEVILHA E BARCELONA

PENAS DE MORTE EM SEVILHA

ANTONIO NUÑEZ PEREZ e DIONISIO RUEDA.

Em Barcelona

Pedro Adrovert Pont, José Perez Pedrero, Jorge Pons Argilés, Santiago Amir Gruañas, Domingo Ibarra Jua-

nias, António Moreno Alarcon, Miguel Garcia, Ginés Urrea Piña, Pedro Neca.

Total 11 condenados à última pena 30 anos de prisão em ambos os conselhos.

Francisco Garabito, Juan Carballo, Manuel Guerrero Motas, Eusebio Montes Bescos, Manuel Fornés Marin, e Manuel Montañez Bernard.

25 anos

Antônio Bravo Soler e José Piñol

A penas que oscilam entre 20 a 12 anos de prisão.

Miguel Rodrigues Alarcón, Esperanza Moreno Agrella, Eduardo Roca Soler, Manuel Lecha Aparici, Ignacio Aguilera Soler, Pedro Lopez Tapias, Juan Martinez, Abel Benedito Serrano, Pedro Obiels Ribó, Gregório Gerona, Ramon Lorcus, Justina Morales, Hermandos Muñoz, Francisco Paes, Francisco Ruiz Valdarrama, Miguel Vidal, Garcia Lozano, Policarpo Nuñez, Carmen Cabello.

Os Conselhos de Guerra

Os tribunais militares que julgaram os processados de Sevilha e Barcelona estavam constituídos por um coronel e quatro capitães como juizes, um capitão como acusador e outro como juiz instrutor, e as defesas por dois comandantes e dois capitães escolhidos pelo próprio tribunal já que as vítimas do franquismo é negado o direito de escolherem os seus próprios defensores.

Os julgamentos foram efetuados no interior das prisões e a eles assistiram, como espectadores, 30 presos escolhidos pelo próprio diretor do presidio. Não existiram tão pouco testemunhas de defesa.

(Continua na 2.ª pag.)

Um camponês com enunciação simples dá profunda lição

A imprensa cearense continua fazendo comentários sobre a emigração nordestina. Os jornais de Fortaleza alarmam-se; pois, mesmo com o aparecimento das primeiras chuvas, famílias inteiras não se detêm e continuam na fuga dos campos e sertões. Esses pobres seres estão por demais desesperados. Famintos, querem ir sempre mais além em busca de algo menos ridículo que a constante miséria da fome — vampiro milenar daquelas plagas.

Um dos repertórios procedeu a grande reportagem no meio dos fazendeiros, fazendo-lhes perguntas, colhendo comentários, anotando-lhes as tendências etc. Então, dentre os conceitos "audaciosos" emitidos por aqueles pobres flagelados, destacamos o seguinte: "Vamos embora enquanto ainda temos forças nas pernas e nos braços para trabalhar e ganhar dinheiro. Se ficarmos aqui, acabaremos perdendo tudo, continuando a passar fome como os outros. E, depois, será a morte de nossos filhos. Não temos mais fé nos governos."

É o que dizemos: aqueles que não despertam através da instrução e conhecimento das coisas são despetos pela forja do sofrimento. Ainda bem que do macabro desconforto colheram e semelam grande ensinamento. Perderam a fé nos governos. A perda de confiança quando está ligada a um princípio falso como seja a fé nos governos já é início de novas perspectivas. Desse modo, ficam sabendo que governos, seja ele qual for, é pirarucu da mesma panela, o restante é tão somente questão de temperatura.

O I CONGRESSO INTERAMERICANO DE ESTUDANTES

Por NEIVA SOBRINHO

Incontestavelmente, dentro da convivência social moderna, tem alcançado superante grau de desenvolvimento a tendência para o auxílio mútuo. Tanto é assim que, em todos os setores de atividades, se pode assinalar o afã por associar-se.

Convocadas pela União Nacional de Estudantes do Brasil, fizeram-se presentes, nesta capital, várias delegações de países americanos.

A parte das informações ou deduções que teriam algumas das delegações acerca dos propósitos dos convocadores, no transcurso desse Congresso, foi pública e notória a fixação de várias importantes questões, entre as quais podemos assinalar:

— O temário, muito interessante, foi elaborado aqui e quase à última hora à vista dos projetos trazidos por algumas federações.

— Entre esses pontos figuravam os da atuação social do estudantado, sua preocupação com problemas internacionais como a guerra, o imperialismo, o totalitarismo, etc.

— Desde o princípio, consignou-se a presença de várias delegações que não

eram estritamente corporações estudantis, como a do Equador, representando a Juventude Universitária Católica, fato esse que, unido à muito hábil seleção dos delegados de outros países, tornou patente a intenção discriminadora dos organizadores do Congresso, que pretendiam obter maioria de representações reacionárias, os quais, por sua vez, dessem com seus votos a aprovação para formar uma Confederação Internacional de Estudantes da qual se esperava que se manifestaria contra o comunismo e a favor das democracias.

— Desde o início das assembleias pôde-se notar a presença de delegações universitárias que, em atitude digna, demonstraram não só estar a par das lutas sociais, mas, o que é mais importante, saber tomar atitudes consequentes com princípios estritamente humanitários. A delegação da Federação de Estudantes do Uruguai, como a Federação Universitária Argentina, a de Cuba, Salvador, Honduras e Panamá, em quantas oportunidades foi necessário, fizeram presente sua posição altitonante contra o comunismo e contra as democracias. Manifestaram-se rotundamente contra a

facção russa e contra a facção yanque. Devido à manobra que tentou a presidência do Congresso, desempenhada pelo presidente da UNE, no afã de levar até as últimas consequências tanto a discriminação em convidar as delegações, quanto o conseguir que se formasse a Confederação Interamericana de Estudantes, as delegações universitárias que citamos exigiram a liquidação do Congresso ao ter-se provado estar ele viado tanto em sua organização como em seu desenvolvimento pela interferência de interesses dos convocadores, querendo lograr fosse desautorizado do Peru um dos delegados desse país presentes no Congresso, bem como pela consciente ou inconsciente ajuda das delegações norte-americanas aos fins do Departamento do Estado norte-americano.

O desejo realmente positivo, efetivamente resultante da tendência às associações que se registra, nestes tempos, em todos os setores, fez-se presente ao ser aceita, pelas delegações realmente representativas dos estudantes, a proposição da delegação argentina de formar-se uma Comissão de Relações Estudantis Americana, com sede em Cuba, e constituída por delega-

ções de Cuba, Honduras, Costa Rica e Panamá.

Dá-nos novo alento comprovar como as vibrações humanas, em seu mais profundo e militante sentido de superação, estão vivas e em função nas importantes coletividades juvenis organizadas em federações estudantis. Essa posição assumida por esses atilados estudantes foi tal, que eles próprios a todo momento, de forma claríssima, se ocuparam em deixar bem explícitas suas afirmações de que estavam contra o totalitarismo vermelho dos comunistas e contra o fermento liberalismo das democracias. Contra os imperialismos econômicos e políticos tanto dos russos como dos yanques. Enfim, diante do conflito que ameaça a humanidade, reproduzimos aqui suas palavras: "Não estamos nem com a dor de cabeça que é Truman, nem com a dor de dente que é Stálin. Estamos com a saúde. Com a saúde que significa estar com a liberdade."

Bravo! Bravo! Estudantes que soubestes responder à altura contra o maior insulto à vossa integridade de homens livres e construtores da sociedade futura por que temos lutado com amor e energia.

FRANCO ASSASSINA

(Continuação da 1.ª pág.)

NOTA DE "AÇÃO DIRETA"

Ao publicar o apêlo da Confederação Nacional do Trabalho da Espanha, organização de orientação francamente libertária que combate as tiranias em todas as suas formas, desde a chamada Ditadura proletária sob o guante de Stálin, até a que se oculta com o pomposo nome de Estado Democrático e tem como presidente um Perón, um Odría ou um Salazar, declara publicamente o seguinte:

NOVO CRIME DO FASCISMO ESPANHOL

Enquanto o mundo democrático parece esquecido do que foi, que é, e que representa o regime franquista; enquanto pretendem dar carta de cidadania à sobrevivência do fascismo alemão e italiano; enquanto os representantes dos países cujos povos sofreram as acometidas brutais do nazismo nos anos de ocupação, buscavam e preparavam desculpas ao fascismo espanhol, ao amparo do perigo staliniano, Franco prossegue, na Espanha, sua sangrenta repressão a tudo o que é oposição.

Os militantes da Confederação Nacional do Trabalho (C. N. T.), organização sindical livre, que encarna as ansiedades de liberdade do povo e cujo espírito e ideais são sentidos pela maioria da classe trabalhadora de Espanha, representa para o franquismo eterno pesadelo.

Recentemente, em Sevilha, foram julgados setenta e cinco militantes do C. N. T. Agora é Barcelona. Nos dias

seis e sete de fevereiro foram julgados ante o Conselho de Guerra, trinta militantes da C. N. T. Nove penas de morte foram confirmadas pelo Conselho de Guerra!

A C. N. T. de Espanha no exílio e com ela todos os demais antifascistas que no interior da Espanha lutam sem descanso contra todas as ditaduras, contra todo despotismo, não acreditam, não podem acreditar que o mundo democrático, que o mundo livre fique impassível.

Abaixo o fascismo!
Viva a liberdade!

Confederação Nacional do Trabalho de Espanha no Exílio.

Toulouse, 12 de Fevereiro de 1952

Não há muito, ao ser anunciado este monstruoso processo pela imprensa do Rio de Janeiro, o embaixador franquista, Conde de Casas Rojas, afirmou que tudo não passava de campanha difamatória contra o regime em vigor na Espanha.

Agora, já conhecidas em todo o mundo as novas vítimas da brutalidade franquista e quando os homens de espírito livre da Europa e da América elevam o seu grito de revolta contra esse atentado à dignidade humana, "Ação Direta" desafia o satélite de Franco a que acuda à tribuna pública para desmentir as nossas afirmações, pois estamos dispostos a provar, com documentos irrefutáveis, que, na Espanha, não existe nem justiça, nem liberdade e sim a mais vergonhosa de todas as tiranias.

Aqui fica o reptio.

COMBATER SISTEMATICAMENTE...

(Conclusão da 1.ª pág.)

TODOS SÃO IGUAIS

Sim, todos são iguais porque todos querem perpetuar a tirania, a exploração do homem pelo homem e todos eles, como bons artistas, representam maravilhosamente a comédia. Stálin falando do Imperialismo Americano e Truman do perigo terrível que representa para a liberdade, o fascismo vermelho.

E enganando os povos com seus gritos de alerta e de perigo, Truman e Stálin constroem armamentos, aviões e jatos e bombas atômicas para a próxima guerra, na qual os povos, aos quais oferecem a liberdade, vão encontrar ruína, desolação e morte.

E' necessário que os homens e as mulheres do mundo compreendam a realidade da hora presente, unindo os seus esforços para evitar que nova carnificina, mais cruel que as anteriores,

destrua novamente seus lares, campos e colheitas, roubando-lhes seu melhor patrimônio: os filhinhos queridos.

Prencínio desta guerra que o demócra da Casa Branca e o Fantasma do Kremlin preparam febrilmente, num afã de domínio sobre o mundo, são as tragédias da Coreia, Indochina, Tunísia, Egito e os últimos acontecimentos do Irã.

Custe o que custar, é preciso impedir tal guerra, levando a todos os recantos do globo o nosso grito de protesto, repetindo as palavras dos anarquistas franceses aos delegados da O.N.U. reunidos em Paris, quando estavam lá todos os representantes de Truman e de Stálin:

— Os povos não querem morrer por Stálin ou por Truman; querem destruir a tirania e viver para a liberdade.

PONTO 30 — DA SITUAÇÃO

1. Chamo situação, em literatura (romance ou drama), ao estado social em que se desenrola a afabulação. As personagens, com seus caracteres próprios, dos mais parecidos aos mais opostos, atuam num ambiente dado e em situação dada, histórica ou não. A expressão estado social tem aqui a maior extensão possível, desde a política até a familiar. Assim, é estado social a miséria das famílias judias no romance O judeu sem dinheiro de Michael Gold, ou o das mesmas famílias judias num gueto português, qual aparece no romance A última dona de S. Nicolau de Arnaldo Gama, ou a de Monique em La Garçonne de Victor Marguerite.

2. Pode um romance ou drama desenvolver-se numa situação única ou variar de situação. Todavia, há novelas com situações várias e comédias ou dramas com uma só situação. O mais das vezes, porém, há uma situação inicial, mudança para uma situação média e outra para uma situação final. Toda mudança ocorre por meio de um episódio mais ou menos relevante.

3. Corações sensíveis de Dostoiévski é o tipo da novela com situação única, até o episódio final do projetado casamento de Varvára com Bulkov. A situação em que vivem Varvára Alekxievna e Makar Alekxievitch, entrecida de episódios mais ou menos insignificantes, vai mudar, radicalmente para ambos, com a ida de Varvára para estepe, marido a Bulkov. Não assistimos às nupcias dadas por definitivas; projetam-se no amanhã, com possível irrealização, sendo futuras.

A grande arte de Dostoiévski, presente em toda sua obra, deixou no ar a transição, extremamente dramática para ambos, o velho e a moça. Com o mero anúncio do episódio, obteve o autor poderoso efeito.

4. Divido, assim, as situações em: inicial, intermediária ou intermediárias e final. Podem as situações intermediárias faltar; em tal caso, duas apenas ocorrem. Na novela de Sienkiewicz A eterna vítima, a situação inicial é a do casal Repa e Marissia, unidos e progredindo. A situação começa a mudar-se com a ideia herente no escravo Jolziévitch de conquistar Marissia. Arma-se a diabólica trama do escravo até lograr o intento, seguindo-se logo a vingança horrenda de Repa contra o dono do castelo, a mulher e o escravo, escapando este por sorte, muito usual com patifes. O episódio da vingança apenas põe termo à segunda situação; não chega a ser situação final por não descer a estado, permanecendo em tudo ação.

5. A arte do romance ou das peças teatrais consiste no semear uma situação de ambientes, episódios, personagens significativas dentro de um assunto interessante; porém, a arte maior assenta na escolha de situações de densidade emotiva crescente, ligadas por episódios transitivos altamente impressionantes e lógicos.

O mestre incomparável nisso é Dostoiévski. Ante ele, os demais romancistas perdem vulto. Embora alguns hajam, excepcionalmente, conseguido essa dramaticidade, sente-se não ser isso neles processo intrínseco, nascido da própria natureza estética. Não se confunda dramaticidade obtida por um câmbio de situação, com o horrível. Na citada novela de Sienkiewicz, a morte de Marissia, degolada a machado pelo marido, é horrendo episódio. E' mais dramalhão, que drama.

6. Vamos escolher uma novela simplíssima de Dostoiévski, para exemplificar sua superioridade no arranjo das situações e o de que realmente consta esse processo. Seja Alma de Criança.

A situação inicial mostra-nos profundo contraste: uma órfã, apanhada quase morta na neve, criada em casa de um príncipe, junto com a filha, a princesinha. Fora pai da órfã um violinista, semi-alocado, ansioso de ser alguém, mas impedido por miséria e álcool a ultrapassar a mediania. Tendo ouvido um grande violinista vindo a Petersburgo, tão desesperado ficou de sua mediocridade que resolveu suicidar-se. Levava a filhinha, mas deixara-a na neve, ao matar-se.

Ora, a menina, a quem deram quarto bem pósto, vagueava, curiosa, por salões e corredores desertos do palácio. Uma noite, tudo escuro, ouviu sons de violino, longe. Saiu pé ante pé. A música aproximava-se; mais, era-lhe conhecida. Foi indo, indo,

OS BANDIDOS

Por MORALES GUZMAN

(Especial para AÇÃO DIRETA)

Onde trabalhai? Onde depositais vossos produtos e em que são beneficiados vossos semelhantes? em que? Se vos chamais funcionários e, com vossas pobres mentalidades, lograis acionar as instituições do Estado, se administrais direitos que vos não pertencem, amontoais papéis, cobrais, sois mero patrimônio da miséria e... até a vista! As Universidades cata-logam-vos como advogados, fazeis da defesa usura ao delinquente, piscais ao fiscal e aos tribunais, sois herejes do subórno e sobrais numa sociedade de ordem. Por vossas injúrias à ordem, fazeis-vos intulular juristas do poder dos códigos, indispensáveis na roleta da vida. Condenais o crime provocado pelo Estado e vos convertéis em criminosos do crime! Bandidos! três vezes mais bandidos!

Onde trabalhai? Onde depositais vossos produtos? e em que se beneficiam vossos semelhantes? Onde? Falsos sacerdotes das religiões e empresários da economia internacional, cooperais nas multimilionárias empresas de seitas; vossas riquezas superam outras riquezas, gozais das fêmeas de voo parquianos e cerrais as portas aos que vos pedem pão e humanidade. Pequenos burgueses aspirantes a dobrar vossos haveres, egoístas e exploradores depois de serdes explorados por vossos amos milionários, roubais o povo para engrandecer os altos mundos da produção e economia servos e burros a um tempo, sois a pior escória da humanidade. Gentes sem norte de idéias, vassoura sem varrer, povo sem alma, manietados às taras da sociedade, pelancas de carnes tostadas ao fogo da degeneração, cemitério andarejo de todas as épocas, representais a tragédia amargada de dores! Bandidos! bandidos! três vezes mais bandidos!

Onde trabalhai? Onde depositais vossos produtos? e em que são beneficiados vossos semelhantes? Onde? Militares e chefes de patrulhas, sargentos e generais, marechais e súcios supremos do Estado de estados maiores — profissionais da destruição da humanidade, viveiros do terror patrioteiro, sois a maldade posta nas pontas das baionetas, a última palavra do crime premeditado, a pior canalha de todas as canalhas, sois a podridão latente do fogo, a violação e o saque. Capitalistas de capitalistas veste judia, católica e protestante, capuchões maçônicos e inimigos da cor natural das raças, comprais e vendeis, entregais vossa mulher, logrando fazer do coito vil comércio. Bandidos! bandidos! três vezes mais bandidos!

Onde trabalhai? Onde depositais vossos produtos? e em que são beneficiados vossos semelhantes? Onde? Patrões do sindicalismo obreiro, gangsters do salário, ordenadores da escravidão, cérebros com mais de cobra que de humano, cobrais quarenta vezes mais que um explorado, cobrais a venda de vossas desconformidades: dirigis os ignorantes; chamal-vos sábios sindicais e, à hora, à hora de romper fogo contra os canalhistas, vendels vossa mercancia por bens desconhecidos. Governadores, conselheiros e alcaides, porteiros e ordenanças, periodistas falsadores da verdade, varredores municipais, artistas de partido, sábios disponíveis a soldo do Estado, massas instrumentais do Estado, muito vos posso dizer e nada vos digo. Para que dizer o que todos sabemos? Bandidos! bandidos! três vezes mais bandidos!

Contra eles todas as nossas energias e vontade; contra eles nosso santo e heróico ódio; contra eles, contra esses bandidos, nossa luta aberta e continua; contra eles, contra esses bandidos, cem vezes a vida em defesa da liberdade do pária, do homem sumido nas trevas da escravidão e da mulher, encadeada aos caprichos desta casta canalha, criminosa e degenerada.

Bandidos! bandidos! três vezes mais bandidos!

O TIRANO ESPANHOL EXECUTA 5 MILITANTES DA C. N. T.!

Segundo notícias publicadas há dias passados na imprensa carioca, 5 militantes da C.N.T. foram mortos por ordem de Franco.

CURSO DE LITERATURA

PROF. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

até dar numa porta mal cerrada. Abriu-a. Ouviu grandes aplausos. Puxou uma aba do reposteiro e viu subir a um estrado um homem magro, alto, empunhando um violino. Havia de ser o pai. Era o pai. O homem tocou. O pai tocava aquela música. Era ele tocando. Puxou de todo o reposteiro. Enorme salão cheio de convidados vestidos de gala. O músico parou. Romperam palmas. A menina, sem poder conter-se, entra correndo na sala ante a assistência perplexa, vai até o músico e abraça-se-lhe às pernas gritando: "Papai! papai! E' você? Onde estava?". O músico tomou-a nos braços, suspendeu-a. Ela fitou-o nos olhos. Não era seu pai. Era o assassino do seu pai.

Eis um episódio de Dostoiévski, meu episódio que não alterou a situação da órfã, Nitochka. A menina, já doente, piorou com o fato e um dia, ao despertar, viu diante dela outra formosa criança. Era Kátia, filha do príncipe. Ai começa outra situação para as meninas, a vida em comum das duas, o conflito de ambas, semeado de episódios de profunda psicologia. Citarei apenas o lance da provocação desasombrosa de Kátia ao feroz cão Falstaff. Depois vem a situação de estreitíssima união das duas com grande ventura de Nitochka.

De repente, mutação geral. Anuncia-se a ida definitiva do príncipe com a família para Moscou. Nitochka permanece em Petersburgo. Alteração completa de situação. Nitochka vai morar com a filha mais velha do príncipe, Alexandra Mikháilovna, casada com Pedro Alexandrovitch. Uma sequência viva de episódios vai adensar progressivamente a nova situação, criando angustiosa tensão na casa. Primeiro, Nitochka descobre a chave da biblioteca, ciosamente vedada aos de casa, e passa a ler romances às ocultas. Segundo, Nitochka encontra, esquecida num livro, uma carta a Alexandra de um seu antigo apaixonado S. Leva a carta para o quarto e a lê toda. Descobre os segredos de Alexandra. Nitochka repõe a carta no livro; mas, uma noite, sente ansia de a reler e, desgraçadamente, é surpreendida pelo príncipe. Arrastada Nitochka à presença de Alexandra, dá-se a pavorosa cena do desfecho. Situação final: doença grave de Alexandra, já tuberculosa, e morte pouco depois.

O modo como Dostoiévski, numa curta novela enodizou as situações, através dos episódios, à situação trágica do epílogo é simplesmente genial.

7. Quanto vale à obra de ficção esse travamento concatenado de situações pode ver-se em simples peças teatrais sem qualquer profunda ideia diretora. Exemplo disso é Zazá. Primeira situação: uma atriz, Zazá, em seu camarim, veste-se para a cena. Trava-se aí nova relação amorosa, desta vez, amor sério. Segunda situação: casa montada onde recebe o amante sempre que ele vem a Paris; mas, descobre ser ele casado. Resolve ir revelar tudo à esposa legítima; mas, encontra um lar tranquilo com Tótó, linda criança que a recebe amabilíssima. Volta para Paris; mas, à primeira visita do amante, já menos apaixonado, estravasa o seu ciúme, referindo-lhe a ida a sua casa. O amante enfurece-se e, após violentíssima cena, abandona-a. Última situação: ela reverte ao teatro. Ele vai, uma noite, esperá-la à saída. Renova-lhe proposta de viverem juntos. Ela recusa embora ainda profundamente apaixonada. Manda um beijo a Tótó e afasta-se para sempre. O episódio culminante, destruidor da última situação, alcança no drama assombrosa intensidade. Encontra-se isso nos dramas de Sardou e de Bernstein; mas, neste, há sempre um tema em debate.

8. Nada prejudica tanto uma obra quanto uma situação dita falsa, ou por desajustada ao tempo, ambiente e personagens, ou por incompreensível ao humano. Não me refiro ao místico ou mítico romancete ou teatralizado. Já vimos ser isso possível.

Há, porém, situações inaceitáveis, ainda que ocorridas. Lembrem-se o verso de Boileau:

Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable

Art. poétique, 3

Nos românticos, abundam as falsas situações e são comunístimas nos romances de capa e espada. Note-se que não me refiro aos episódios inverossímiles. Exemplo destes é o de Miguel Strogof no Correio do Tzar de Júlio Verne. Os olhos do herói foram lançados por uma espada em brasa sem ter ele cegado. Situação beirante a inverossimilhança é a do citado romance epistológrafo de Dostoiévski, Almas simples. Varvára e Makar, ela moça, ele, velho, moram vizinhos. Makar está visivelmente caído por Varvára, mau grado a diferença de idade. Ele a visita; entretanto, carteam-se amíde. Outro exemplo dá-nos a Relíquia de Eça de Queiroz. Raposinha, após o tremendo episódio da camisa de Mary, retirada pela própria tia do envoltório pardo com barbante encarnado, episódio herói-cômico, alterador total de situação ótima para pessima, teve de adaptar-se a esta fazendo-se mercador de relíquias. A situação, como farsa e ridicularia, tolera-se; mas, é de todo inverossímil, exagerada como foi.

Para falsear uma situação, basta haver uma personagem deslocada do natural. As situações do drama Gonzaga de Castro Alves são todas falsas dada a linguagem pedante das figuras, inclusive a do próprio velho.

9. Seria infundável a tarefa de classificar as situações. Tantas seriam na obra literária, quantas na vida real, ou mais, porque livre está qualquer autor de inventar as mais estranhas e absurdas. Assim, há situações puramente fantasistas. Já me referi ao romance de Coelho Netto, Paraíso, todo passado post mortem. Porém, há pior.

Acodem-me dois exemplos: o Avatar de Theophile Gautier, e En un cuerpo de mujer de Rafael Lopez de Haro. No primeiro, Gautier imagina uma operação mágica feita pelo célebre doutor Balthazar Cherbouneau. Com ela, seu cliente Octave Salville, profundamente apaixonado pela inacessível esposa do conde polaco Olaf Labinski, se mete no corpo deste, passando este para o de Salville. A situação criada para os três é tragi-cômica e soa falsíssima, embora não passe de fantasia literária, tendente a criar perplexidades e quiproquós.

No caso de Lopez de Haro, há um filósofo, doutor Xenis, com uma teoria sobre almas fortes em corpos velhos que poderiam animar corpos fortes habitados por almas débeis. O traslado far-se-ia no momento exato da morte concomitante dos dois. Fez-se a operação com um velho que desejava ardentemente habitar o corpo de uma jovem formosíssima. Cria-se nova situação para o velho, crítico de arte, eruditíssimo, virado agora linda sábia. Interessante e explorada é a situação em suspensão, no ar. Nela, age o herói sem nenhuma certeza ou base, aguardando um futuro que o poderá decepcionar. Vou dar exemplo com o romance Ninhos de nobres de Turguênief. Lavrétski desposa Varvára Pávlovna e vai com ela para Paris. Varvára o trai e ele descobre a traição. Volta para a Rússia. Lá apaixonou-se por Lisa (Elisabet Mikháilovna); mas, não pode pedi-la por ser casado. Uma noite, lendo jornais parisienses, dá com a notícia da morte de Varvára. Cria esperanças de unir-se a Lisa, mas não tem certeza do fato; pode ser boato. Aguarda cartas, comunicação oficial; nada lhe chega. Entretanto, seu amor prossegue e Lisa lhe corresponde, até que, uma tarde, voltando a casa, percebe Lavrétski algo anormal. Entra e dá com Varvára esperando-o. A situação em suspensão desaparece; cria-se outra de angústia e renúncia, fugindo ele para Moscou e metendo-se Lisa num convento.

11. Note-se, por último, que as situações geralmente se encaram pelo ângulo do herói. Todas elas, entretanto, são multifaciais, quero dizer, têm aspectos vários conforme o problema de cada personagem participante do drama. Aproveitando o exemplo último, a mesma situação criada pelo retorno de Varvára, viva, foi tremenda para Lavrétski e Lisa; não alterou a de Varvára, foi radiante para Vladimir Panchin que regaladamente se fez amante de Varvára indo os dois para Petersburgo; foi dolorosa para Lem, músico alemão. Tragédia para uns; comédia para outros

Ponto 31. DO enredo.

VISITAI O PARAISO DOS TRABALHADORES

Proletários de todo o mundo, visitai a Rússia! Inspetionai nossos tribunais e nossas prisões! Nunca tereis um momento de enfado. Detenção no meio da noite e processos judiciais secretos. Belíssimas vistas para os campos onde se praticam voluntariamente trabalhos forçados. Viagens confortáveis em nossos luxuosos carros da polícia. Espetáculos oficiais nos calabouços. Pensão e morada gratuitas! Todos os tipos de esporte, principalmente trabalhos dirigidos. Os mais modernos hotéis com telefones, controlados pela polícia, em cada quarto. E sobretudo, uma especialidade russa, os magníficos campos de concentração altamente evoluídos.

Em nenhum outro país podeis mais facilmente estudar o Marxismo, que na Rússia.

Visitai a Rússia no corrente ano e estamos certos de que não saireis facilmente!



G. P. U.

DAS PRETENSAS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

Por OSVALDO SALGUEIRO

O Vaticano acaba de divulgar, através das agências telegráficas, a notícia, segundo a qual, Pio XII pronunciou, na Academia Pontificia de Ciências, "importante discurso (melhor estaria dizer-se sermão) científico sobre a "Inconstância do Universo e as razões dessa inconstância", no qual declarou que não existiu conflito fundamental entre ciência e religião.

Parece-me haver uma crença, ainda bastante generalizada, mesmo entre gente que não é católica, de que a Igreja romana é sempre sábia em suas atitudes; se, no entanto, soubermos, de vez em quando, aplicar os termos com alguma sutileza, veremos, em última análise, que a Igreja tem sido mais sábia, que propriamente sábia. E às vezes nem sábia é, como, por exemplo, no caso presente, em que vem tocar num assunto que parece andar esquiado e no qual ela sempre foi derrotada.

Segundo Pio XII, os últimos estudos feitos pela física nuclear, são a confirmação das palavras das Escrituras sobre a formação do universo. "Dir-se-ia, realmente, — afirmo o papa que a ciência moderna, voltando aos milhões de séculos passados, se tornou testemunha desse "fiat lux" primordial, quando jorram do nada a matéria, luz e radiação, enquanto parcelas de elementos químicos se combinaram e se reuniram em milhões de galáxias". Para Pio XII, os sábios da atualidade "consideram a idéia da criação do universo perfeitamente conciliável com sua concepção científica", e lembra que essa idéia era repudiada há menos de cinquenta anos.

Nada mais absurdo do que tais afirmações do papa, o que de resto não é de estranhar. A física nuclear ou não, é sempre física e, como tal, não pode afirmar ou confirmar que do nada possa sair alguma coisa, tanto mais que é ela precisamente que tem mostrado o contrário. Além disso, se a ciência moderna voltou aos milhões de séculos passados com relação à origem, ou melhor, idade do universo, isso nada tem que ver com o texto da Bíblia, pois que este é omissivo a tal respeito. E tanto é assim que a Igreja tratou de resolver o assunto a seu modo, do que tratarei aqui com mais detalhes, estabelecendo que Deus fez o mundo 4004 anos antes da era cristã. De modo que, não é preciso ser sábio, para, através de certo jogo de palavras, considerar a idéia (a idéia, bem entendido) da criação do universo perfeitamente (?) conciliável com a concepção científica. O que sábio algum jamais provou e é evidente que, cientificamente, jamais provará, é que o universo tenha sido criado, e, momentaneamente do nada.

Quanto ao fato do papa lembrar que tal idéia era repudiada há menos de cinquenta anos, também direi algumas palavras. Cumpre frisar, entretanto, que Pio XII não cita um só nome de qualquer sábio que, ultimamente, tenha, já não digo provado, posto que lhe seria impossível, mas, pelo menos, considerado possível a conciliação (digo apenas conciliação e não harmonia) entre a concepção teológica e a científica, da origem do universo. Não cita um só nome, nem é preciso, visto que de suas palavras se deprende que ele se refere a todos os sábios, do que também se poderá deduzir que... talvez tenha procurado de todos os sábios para afirmar o que afirmou.

As palavras das Escrituras às quais alude Pio XII, giram em torno da chamada revelação (revelação mosaica). Segundo tal revelação, Deus teria dito a Moisés que ele, Deus, foi o criador do universo; mas, muito antes que Pio XII viesse a ser papa, já se sabia que Moisés existiu em época bem posterior àquela em que foi escrito o Pentateuco, cuja primeira parte é constituída do Gênesis. Além disso, também desde muito, se sabe que as narrativas bíblicas em torno da criação do universo, foram extraídas das lendas de religiões mais antigas, no tempo em que os hebreus viviam misturados com os povos da Caldéia. E tanto é assim, que muitos teólogos de relevo acabaram por se renderem ante a evidência dos fa-

tos, da documentação. Driner, por exemplo, eclesiástico professor de hebreu e de direito canônico, depois de citar alguns trechos extraídos das narrativas caldeias, conclui: "Em presença desses fatos, é difícil resistir à ilação de que a narrativa bíblica foi tirada destas antigas lendas."

Além do mais, as palavras das Escrituras também nada nos dizem sobre se o universo foi ou não feito do nada. E tanto é assim que isso deu motivo a discrepâncias entre os doutores da Igreja. Por fim, o quarto concílio de Latrão terminou com tais discrepâncias, estabelecendo que Deus criou tudo do nada. Depois veio a questão de se saber quanto tempo Deus teria levado afim de realizar tão gigantesca obra; mas, como as palavras das Escrituras são, sobre esse assunto, contraditórias, os teólogos, entre eles Santo Atanásio, S. Basílio e Santo Agostinho, acabaram por concordar em que Deus criou o mundo em seis dias e, ao mesmo tempo, num instante.

Veio em seguida a questão de fixar a data em que Deus teria feito o mundo. E os teólogos, em geral, acabaram por concluir que Deus o fizera quatro mil e quatro anos antes da era de Cristo, no dia vinte e três de outubro, às nove horas da manhã. Edificante, não? E lamentável que, em seu artigo publicado na "Ação Direta", sob o título, "Outubro nas páginas da História", Manuel Peres não se tenha lembrado de comentar tão grande acontecimento. Maior, por certo, que a descoberta da América por Cristóvão Colombo...

Também não deixa de ser lamentável que os doutores da Igreja, quer da católica, quer da protestante, não se tenham lembrado das primeiras palavras do Gênesis, segundo as quais, no princípio, criou Deus o céu e a terra e, só depois, a luz, separando-a das trevas. E à luz chamou dia e às trevas noite. Houve tarde e houve manhã e o dia primeiro. O primeiro dia criado por Deus. De modo que, se o mundo foi criado, antes que criada houvesse sido a luz e, consequentemente, as manhãs, as tardes e o os dias, como conceber a idéia de que outra vez viesse a ser criado, em um determinado vinte e três de outubro e precisamente às nove da manhã?

E o pior (pior para os doutores da Igreja, é claro) é que, com as descobertas de Botta e Layard na Assíria e pelas investigações de Oppert, Sayce e outros, se veio a saber que antes do Deus criar o mundo, na Caldéia, como, pelo menos, dois mil anos de existência, florescia uma civilização, rica nas artes e nas ciências.

Quanto à idéia da criação do universo, ela continua cientificamente repudiada. E quem tenha algumas noções das teorias evolucionistas, sabe perfeitamente disso. Alis, quem primeiro repudiou e, no mundo, continua repudiando as teorias científicas, antes por julgá-las falsas e agora perigosamente verdadeiras, foi a própria teologia; não só a da Igreja romana, como também a protestante. Dantes, os sábios que não tinham vocação para mártires, afirmavam, quando perseguidos, que as suas descobertas estavam de acordo com a Bíblia e, mesmo assim, eram vergonhosamente obrigados a se retratarem, a confessar que haviam errado.

Baseados na teoria, segundo a qual não há efeito sem causa, que a teologia, parece-me, também aceita afim de defender a idéia de um criador do mundo, poderíamos perguntar quem o criou e onde está Deus, assim como o seu criador e o criador de seu criador. Certo escritor (parece-me que foi Heitor Salgado) afirmou que, à medida que a ciência avança um passo, Deus recua dez. Eu estou em que, à medida que a ciência avança um passo, Deus recua cem. Talvez seja por isso que a astronomia moderna, com os seus formidáveis telescópios, até hoje não o tenha descoberto. E' que as cortinas de ferro do infinito, atrás das quais ele se deve achar, são mais indezaváveis que a de Stálin...

FILOSOFIA DO ANARQUISMO

IV

Reconhecidamente, um sistema de equidade, não menos que um sistema de leis, implica um maquinismo que determine e especifique seus princípios. Não posso imaginar sociedade que não incorpore algum método de arbitramento. Sobre recorrer o juiz de equidade a princípios de razão universais e não tomar conhecimento de leis estatutárias em conflito com os mesmos, deverá apelar o árbitro, numa sociedade anárquica, a esses princípios tal qual determinados pela filosofia ou pelo senso comum: e isso faz-lo-á sem o entrave de todos os preconceitos legais e econômicos de que se acha imbuída a vigente organização da sociedade.

Dir-se-ia estar eu apelando para entidades místicas, para noções idealistas, rejeitadas por todo bom materialista. Não o nego. O que rejeito é podermos construir conjuntura social durável sem nada de místico. Tal assertiva chocará o socialista da escola de Marx, que, apesar das recomendações deste, não passa amiúde dum materialista ingênuo. A teoria de Marx — e tal seria ele o primeiro a reconhecer — não é universal. Não abarca todos os fatos da vida, ou destes só dá atenção a alguns, e de modo muito superficial. Sensatamente rejeitou Marx os métodos não históricos dos metafísicos alemães, que procuravam ajustar os fatos a teorias preconcebidas. Com igual firmeza, jê-lo com relação ao mecanicismo materialista do século dezoito, estribado no fato de, embora explicando a natureza superficial das coisas, ignorar o processo integral do desenvolvimento histórico: o universo como crescimento orgânico. A maioria dos marxistas esquece a primeira tese sobre Feuerbach, que diz: "O principal defeito de todo o materialismo, até agora, inclusive o de Feuerbach, é ser nele o objeto, a realidade, a sensibilidade, concebida tão somente como objeto e não como atividade sensorial humana prática, não subjetivamente. Era natural que, quando se tratasse de interpretar a história da religião, Marx a qualificasse de produto social. Mas isso difere largamente de tratá-la de ilusão. Na realidade, a evidência histórica compele-nos, em toda a linha, à direção oposta, fazendo-nos reconhecer na religião necessidade social. Jamais houve civilização sem religião correspondente; o aparecimento do racionalismo e do ceticismo é sempre sintoma de decadência.

É reconhecida a existência de um fundo geral de razão para o que todas as civilizações contribuem com seu quinhão e que inclui atitude de relativa separação entre o indivíduo e a religião predominante em sua época.

Por HERBERT READ

Admitir todavia a evolução histórica de um fenômeno como a religião, não é explicá-la. Da-se-lhe nisso, com muito maior probabilidade, justificação científica, revela-se-lhe "a atividade sensorial humana", inspirando, portanto, suspeita sobre qualquer filosofia social que arbitrariamente exclua a religião da ordem que propõe para a sociedade.

Ciaramente faz-se sentir, após vinte anos de socialismo na Rússia, que, se lá não ergerem nova religião, reverter-se-á o povo à antiga. O comunismo tem, naturalmente, seus aspectos religiosos e, sobre admitir gradualmente o ressurgimento da Igreja Ortodoxa, deifica Lênin (mausoléu, efígies, legendária... há, em tudo isso, religião) numa tentativa preconcebida de dar veículo às emoções religiosas. Tentativas ainda mais preconcebidas para criar a parafernalia de um novo credo, estão sendo feitas na Alemanha Nazista, onde a necessidade dum religião qualquer nunca foi oficialmente contestada. Na Itália, foi Mussolini esperto o bastante para fazer as pazes com a Igreja Católica dominante. Longe de zombar desses aspectos irracionais do comunismo e do fascismo, preferimos neles criticar a falta absoluta de conteúdo sensível ou estético, a pobreza de ritual e a universal ignorância da junção da poesia e da imaginação na vida da comunidade.

Estejamos certos de que, sobre as ruínas da nossa civilização capitalista, emergirá uma nova religião, tal qual das de Roma surgio o Cristianismo. O socialismo, qual o concebem seus materialistas pseudo-históricos, não representa tal religião e jamais a representará. E bem que, desse ponto de vista, seja possível reconhecer no justismo maior "nostra de imaginação, sendo de primeira consciência repressiva do destino a que está reservada a ordem social vigente, é, por si mesmo, fenômeno de decadência tal, que sua estrutura ideológica não tem muito interesse permanente. Não há selecionar do passado místico santos e lendas, agregando-lhes alguma modalidade de teologia política ou racial, para engendrar o credo da conveniência: religião não é criação sintética. O profeta, qual o poeta, nasce feito. Mas, mesmo existindo o profeta, falta para a religião. Foram necessários cinco séculos para que se firmasse uma religião inspirada na mensagem do Cristo. Esta última houve de ser moldada, expandida e liberalmente desfigurada, até que viesse a exprimir o que Jung chamou o "inconsciente coletivo" complexo de fatores psicológicos que dá coesão à sociedade.

Incongruências Estatais

Por EZEQUIEL DURVILLE

Amortecem-se os moribeiros e trombetas anunciadores do amparo social aos assalariados e repetem-se os escândalos dos roubos.

A propósito do título — Incongruências Estatais — cabe, de antemão, uma pergunta: tratando-se de Estado haverá algum ato ou medida nele que não seja incongruente? Absolutamente nada. O que aparentemente possa parecer exceção à regra, outra coisa não é senão um passe de mágica dado por um capoeira de profissão, enfeitado com um enigma calmanete e salutar contra os supostos protestos dos inocentes e desavisados. Um dos maiores ultrajes, tanto por parte do Estado como da Igreja — sejam essas organizações de que matizes se pintem — é o esforço compactuado e ferozmente dirigido para a anulação da individualidade, o embotamento do caráter e a criminoso anulação da personalidade. Espantosos crimes que têm imposto a tantas gerações! Tamaña perversidade é santamente cuidada pelos senhores democratas e pelos bolchevistas tão apregoadores da liberdade e dela ferrenhos quanto mesquinhos sonegadores.

Com o Serviço de Alimentação e Previdência Social

Na panela da "obra social" do pai dos sen vontade, deram-se coisas como estas: quando da posse de Getúlio, o (SAFS) apesar de seus defeitos, dispunha de barbearia no restaurante central na Praça da Bandeira e biblioteca com horário de certo modo conveniente. Pouco tempo depois da tomada das rédeas governamentais pelo pazinho, quanta coisa mudou! para pior! Tivemos, sem maiores nem maiores nem médias explicações, arrancadas as cadeiras da barbearia e ficaram desalojados os artífices. Notemos que a barbearia era um órgão utilíssimo aos trabalhadores; pois, enquanto o corte de cabelo custava Cr\$ 8,00, ou Cr\$ 10,00, já tínhamos por Cr\$ 4,00 ou seja pela metade. Mas aquilo, bem pensado, já era um benefício, coisa por demais luxuosa para simples proletários. Naturalmente não de assim ter maquinado os melosos apregoadores da tal ordem social.

A biblioteca, conquanto não tenha tido igual destino, quase idêntica sorte lhe coube. Alteraram-lhe e reduziram-lhe o horário de tal jeito que aumentou a apatia no operariado com o convívio dos livros. Pois vejamos se é possível ao trabalhador estar na biblioteca às nove horas da manhã — é nesse tempo o início do expediente —; verificamos se podem fazer bom proveito de 15 ou 20 minutos após um almoço aos tropeções. Notemos ainda que, só aproveitaram esses escassos minutos, se houver bom andamento em tudo. Havendo qualquer embaraço, a miserável fila pára; então de-se tempo ao desenguiçamento; descansando-se num pé, descansando-se no outro, vão-se os miseros minutos. Então, acabados de engolir aqueles bocados, é jogar-se o pobre à tóda numa condução; do contrário, chegará atrasado pois, havendo retardamento, ouvem-se queixumes, queixas, reclamações e até coisa pior. Também após o jantar não é possível ler. As 18 horas cerram as portas e adeus possibilidade de um contato entre operários e livros.

Aos miseráveis são negados as armas da redenção. Quanto mais ignorantes, mais servís, mais facilmente domáveis, mais vulneráveis, mais sem vontade e mais carneirinhos sob o chicote do chefe político, sob a fanfarronada do grito do Ipiranga e sob a migalha de pão, redondinha e consagrada — tudo por obra e graça do rebanho curvado que, ironicamente, se tem como homens. Mas não se diga que restituir aos trabalhadores aquelas comodidades de um governo anterior seja oferecer soluções para suas inquietudes ou redenção à sua mente. Estas só virão por obra dos próprios trabalhadores.

ESTUDOS SOCIAIS

Pedro Kropotkin — La gran revolución (Historia de la revolución francesa)	Cr\$ 30,00
Jorge Nicolai — Liberación del trabajo	15,00
Han Ryner — Pequeno manual individualista	10,00
Juan Lazarte — Sociedad y prostitución	10,00
Maria Lacerda de Moura — Clericalismo y fascismo	10,00
J. R. Forteza — Rafael Barret-Su obra, su predica su moral	10,00
Gustav Landauer — Incitación al socialismo	25,00
Rudolf Rocker — El pensamiento liberal en los Estados Unidos	25,00
P. J. Proudhon — Las confesiones de un revolucionario	25,00
P. J. Proudhon — Que es la propiedad?	25,00
F. Pi y Margall — Las nacionalidades	25,00
C. A. Sainte-Beuve — Proudhon — su vida y su correspondencia	25,00
Pedro Kropotkin — Origen y evolución de la moral	20,00
J. M. Guajan — Esbozos de una moral sin obligación ni sanción	20,00
Luis Fabri — Malatesta — su vida y su pensamiento	25,00
Manuel Prada — Horas de Lucha	25,00
Eliseo Reclus — Correspondencia (de 1850 a 1905)	30,00
Rudolf Rocker — La juventud de un rebelde	55,00
Rudolf Rocker — En la borrasca	75,00
William Godwin — Investigación acerca de la justicia política	55,00
Kropotkin — El apoyo mutuo	55,00
J. M. Guian — La irreligión del porvenir	55,00
P. J. Proudhon — Sistemas de las contradicciones económicas	55,00
Eric Fromm — El miedo a la libertad	55,00
Carlos Brandt — El problema vital	30,00
Emilio Frugoni — Génesis, esencia y fundamentos del socialismo — 2 Tomos	90,00
Pedro Kropotkin — La Literatura Rusa	15,00

★
Pedidos para Francisco J. Lalsue — Rua do Rosário, 149 sob. Telefone 43-5232. Das 12 às 14 horas.

Um Livro Salutar

Venancio Pastorini Sobrinho

"A Inmoralidade do Casamento Indissolúvel" é o nome da obra do jovem Elias Timbó, que acaba de receber. Importante trabalho da autoria desse jovem pensador, idealista que vem sendo a expressão e uma revelação salutar. O seu trabalho de cultura e ensinamentos, rasga barreiras nas trevas do obscurantismo ultramontano existente no meio da multidão inconsciente, submetida ao torpe polvo que nesta época, ainda manietá o desenvolvimento do pensamento sadio e livre.

A obra do jovem Elias Timbó, é mais do que uma revelação na literatura cultural, revolucionária do pensamento, devastando softsmas e preconceitos que ainda existem entre a mulher e o homem. A desigualdade que se pretende entre o homem e a mulher, considerada ser inferior, não se justifica na época da grande revolução, dos direitos de igualdade e de pensamento, que vem impulsionando o desenvolvimento da ciência e da arte, para felicidade dos seres humanos. Nos meios culturais, é preciso que surjam jovens nas condições e tempera de Elias Timbó, que deve ser o estopim da verdade renovadora de costumes da juventude, submergida e obscurecida nas trevas da obra da Igreja, a qual tem conduzido a mulher à mais degradante escravidão.

A educação da escola e do lar, pelo preparo de ensinamentos da Igreja e do Estado, de qualquer cor, tem sido as cadeias do obscurantismo e formam mentalidades doentes, de escravidão e sofrimentos aos seres humanos, na trajetória de 1951 anos...

Obra renovadora deve surgir do meio da juventude, cheia de vida e de esperança, desfazendo desmantelando as trevas e barreiras, criadas pelo povo clerical que gera a insubridade do pensamento humano, conduzindo as multidões ao retrocesso do passado, sua história de sangue, suborno e barbárie desde os tempos da Idade Média até os dias de hoje, e que só poderá ser destruída pela obra renovadora e humana da anarquia!

PROTESTO DOS ANARQUISTAS FRANCESES

AOS GRITOS DE "OS POVOS NÃO QUEREM MORRER NEM POR TRUMAN NEM POR STALIN", OS MILITANTES DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA FRANCESA INTERROMPERAM UMA SESSÃO DA O. N. U. — A REAÇÃO POLICIAL FEZ-SE LOGO SENTIR COM A PRISÃO DE VÁRIOS MANIFESTANTES.

FIGURAS DO ANARQUISMO

Ricardo Flores Magón nasceu no estado de Oaxaca, México, a 16 de setembro de 1873. Seu pai era de raça indígena e sua mãe, mestiça. Apesar de sua família não possuir bens, Ricardo iniciou seus estudos na escola primária, em seguida passou à Escola Normal Preparatória e, finalmente, em 1893, ingressou na Escola Nacional de Jurisprudência, onde cursou três anos. Reinava por essa época o tirano Porfirio Díaz, apoiado pelo nascente capitalismo yanque. Aos 7 de agosto de 1900, apareceu no México o primeiro número de Regeneracion, redatado por Ricardo Magón e seu irmão Jesus. No mês de maio de 1901, ambos os redatores foram presos, em vista dos constantes ataques vibrados através do jornal contra o tirano Porfirio. Ao sair do cárcere, resolveram refugiar-se na cidade de Sto. Antônio, Texas, e daí reiniciaram a publicação do jornal. Em 1905, dada a pouca segurança oferecida pela cidade de Sto. Antônio, a redação do periódico foi transferida para Saint Louis.

As lutas constantes contra os sicários de Porfirio Díaz, infiltrados no território dos Estados Unidos, fez com que Flores Magón se dirigisse para Los Angeles, onde foi preso aos 23 de agosto de 1907, acusado de atividades revolucionárias. Era intento dos esbirros americanos entregar Magón à polícia mexicana que oferecia 20.000 dólares por sua cabeça; porém, graças a protestos violentos, não conseguiram tal fim. A prisão, longe de ser impedi- mento a suas atividades revolucionárias, foi, pelo contrário, motivo para que suas atividades redobrassem. Preparava-se um golpe de morte à ditadura mexicana. O levante fora marcado para 25 de junho de 1908; porém, por causa de várias traições, o movimento foi descoberto e afogado em sangue. Aos 10 de agosto de 1910, Flores Magón e alguns companheiros foram postos em liberdade. Neste mesmo ano, volta a publicar o periódico Regeneracion.

A situação política do México se complicava extraordinariamente. Francisco Madero, latifundista com intenções manifestas de se fazer passar por liberal, aderido ao grupo de Regeneracion, preparava um golpe. Flores Magón, através de uma circular, alertou todos os grupos de revolucionários para que aproveitassem os acontecimentos. Aos 20 de novembro, rebentou o movi-



RICARDO FLORES MAGÓN

mento maderista. Imediatamente, os grupos liberais e revolucionários entraram na luta pela conquista da liberdade política e econômica ao passo que os maderistas lutavam só pela primeira. A luta foi dura e sangrenta. Aos 25 de maio, o ditador Porfirio Díaz foi deposto, vindo ocupar o lugar vago, Madero. Este, concertando um pacto com as tropas de Porfirio, entrou em seguida a perseguir Flores Magón.

Por ter assinado um manifesto revolucionário foi, conjuntamente com Librado Rivera, processado e condenado a 20 anos de prisão. Aos 15 de agosto de 1918, ambos os condenados entraram na prisão da ilha de Mac Neil, Estado de Washington. Após 15 meses de prisão, uma afecção do órgão da visão, tornou-o quase cego. No dia 20 de novembro de 1922, foi Ricardo Flores Magón assassinado friamente pelos esbirros americanos. Seu cadáver foi transportado para o México onde se produziram vivas manifestações dos trabalhadores. Deixava assim de existir o valente idealista que, dos 48 anos vividos, tinha passado 13 nas prisões.

Tubarões em Cena

UMA INGENUIDADE DO DEPUTADO BALEEIRO — GETÚLIO VARGAS ALIMENTA OS TUBARÕES — APENAS UMA LETRA SEPARA A INTERPRETAÇÃO ANARQUISTA DA INTERPRETAÇÃO DO SNR. BALEEIRO

Não nos passou despercebido o grave discurso do deputado Aliomar Baleeiro, proferido em novembro do ano passado. Actuando de matéria mais premente impossibilitou-nos de um comentário, que não perderia com a demora.

Todos sentem que a palavra tubarões com que nós, anarquistas, designamos os supercapitalistas nacionais e estrangeiros caiu no gosto dos próprios reacionários, popularizada pelo excelso sr. presidente da República. E, agora, os jornais a reimpõem todo dia como sal dos seus tempores redatoriais. E os deputados udenistas aplicam-na ao seu propalador e comparas de governo.

Foi o caso, em novembro, que o deputado Baleeiro, acusando, em plena Câmara, o plano Láfer, disse palavras gordíssimas, muito caras a nós, anarquistas, porém, a nosso ver, muito ingenuamente formuladas.

Segundo os jornais, acusou o sr. Baleeiro o governo getulista de estar emitindo desmesuradamente, para lucro de um grupo. Realmente, tem concedido astronômicos descontos a bancos particulares, o Gramacho, o Cruzeiro do Sul, o Continental. Sobem as operações a quase dois bilhões e meio de cruzeiros ou dois milhões e meio de contos de réis.

E grita o deputado: "A Nação está vendida!" frase que temos ouvido, os mais velhos, desde os tempos de Deodoro e Floriano.

Mas, há no discurso uma frase, para nós, formidável. O sr. Baleeiro bradou no recinto: "Os tubarões banqueteam-se à mesa do governo".

Não fosse a metáfora e a retórica, muito do nosso desgosto, aceitaríamos a frase e subscrever-la-íamos com um minúsculo retoque. Poríamos governo no plural e teríamos uma declaração muitíssimo anarquista: "Os tubarões banqueteam-se à mesa dos governos".

Vejam só que tabique finíssimo nos separa do sr. Baleeiro: uma simples letra. Mas, nessa mínima alteração, que mundo!

Adiante, afirmou o sr. Baleeiro: "O governo é prisioneiro dos tubarões!"

e nós diríamos: "Os governos são prisioneiros dos tubarões".

Isso, a troca de singular para plural, revela a profunda ingenuidade dos políticos ditos liberais.

Para Baleeiro e os mais, os tubarões banqueteam-se à mesa do governo brasileiro; para nós, anarquistas, os tubarões banqueteam-se à mesa de todos os governos. Baleeiro, erradamente, particulariza; nós acertadamente, generalizamos.

Veja o sr. Baleeiro o exemplo dos Estados Unidos, a grande pátria dos grandes tubarões. Quem elege os membros do governo, presidência e congresso? Quanto custam as eleições lá? Quem propõe as leis? Quem as executa?

Utilíssima leitura seria, para o sr. Baleeiro, a crônica subterrânea das duas grandes guerras. Veria os tubarões trabalhando na sua tremenda caçada aos peixes menores e mínimos.

Se não sabe linguas estrangeiras, recomendamos-lhe as obras do português Adolfo Coelho. Longe estão de completas, porém, pálida idéia lhe darão da tremenda, asquerosa realidade. Examine a crônica de Zaharof e pasmará de si mesmo, da sua infantilidade de supondo só haver tubarões no Brasil, especialmente no governo Getúlio.

Não! sr. Baleeiro, não há governo livre dos tubarões. Governo, todo governo, é órgão dos tubarões, criado por eles, por eles mantido ora com o nome de república, ora com o de reinado, ora com o de império, ora com o de união soviética.

Luis XIV, grande enfatuado, afirmava: "L'Etat c'est moi!". Que palhaço! O Estado não era ele, senão os tubarões que o cercavam e cujas determinações ele cumpria sem saber. Perón não é Perón; são os formidáveis tubarões que o têm como gritador e bravateiro testa de ferro.

Possivelmente, no futuro quinquênio, subirá Sua Alteza Ademar de Barros, legítimo, legítimíssimo tubarão à cuja mesa se sentarão tubaroneles seus filhotes, candidatos a tubarões futuros.

E sempre assim. Haja dinheiro!

PROBLEMAS DA JUVENTUDE

II

Parece-me não haver pessoa sensata que não conheça hoje a interdependência existente entre a função e atividade sexual e a personalidade, o caráter individual. E quando nós dizemos que pretendemos regressar à natureza, observando as suas leis e libertando o homem dos preconceitos e das tiranias que o impedem de livremente desenvolver as suas faculdades natas, não nos queremos evidentemente, referir ao regresso ao primitivismo, à promiscuidade inconsciente onde só o instinto campeia.

Não queremos o regresso à animalidade — que o oíçam aqueles que não nos querem ouvir e o compreendam aqueles que nos não querem entender. O homem já tem muitos milhares de anos evoluídos; e o que queremos é que a sua evolução prossiga mais eficazmente para conseguir uma humanidade mais perfeita e mais feliz, mais consciente e menos dividida. Queremos que o homem regularize a vida pela abolição dos privilégios, para maior desenvolvimento da sua razão e compreensão dos seus instintos.

O homem tem evoluído, mas muito lentamente, porque a tirania econômica e religiosa tem condenado grande massa dos trabalhadores à ignorância dos primeiros tempos, nomeadamente hoje em dia, entre os trabalhadores rurais, onde só a animalidade se desenvolve sem freio, falsamente encoberta por afirmações, aqui apregoadas e logo além esquecidas, dos detentores dos poderes espiritual e material.

Só, pois, pela abolição dos privilégios e instauração de um sistema de vida equitativa e digna, onde a todos os homens se reconheça o legítimo e originário direito à vida, se pode conseguir um ambiente que permita evolução mais perfeita e extensa, com a elevação do nível mental pela compreensão das coisas e florescimento da razão.

Vida mais simples, sem os complicados formalismos da burocracia reinante; menos artificialidade pelo conhecimento de nós mesmos e pela ansia de aperfeiçoamento.

Não podemos retrogradar: só há que desvencilhar-nos do que estorva e penaliza o progresso moral e material da vida e dos homens.

Ao homem de hoje já se não pode pôr outra alternativa pelo que respeita às relações entre os dois sexos: só a monogamia, pela escolha desinteressada da companheira que nos complete e represente a harmonia na continuidade do nosso ser, pode ser aspiração do homem nobre. O que queremos é precisamente uma sociedade que facilite a constituição de uniões conscientes e livres, onde os egoísmos materiais e os enganos não tenham ambiente para proliferar, correndo as bases de uma vida feliz nas relações entre os dois sexos.

Não queremos o comércio na vida sexual. Que esta seja motivo para elevação do homem e não para seu rebaixamento moral, porque temos a certeza de que só na liberdade o homem encontrará razão forte para o amor.

Por isso, juventude de todo o mundo, é que é preciso libertar a família dos prejuízos dum mundo injusto, que nela se reflete e a domina para que, livres deles, possamos construir um mundo novo animados pelo nosso amor desinteressado e nobre e pela consciência das nossas responsabilidades.

PEDRO MIGUEL
(Portugal, Outubro de 1951)

MALAPARTE TAMBÉM ANARQUISTA?

Na entrevista publicada a 16/3/51, no suplemento literário do "Diário de Notícias", o famoso escritor italiano Curzio Malaparte ao ser inquirido pelo repórter de qual era a solução para nosso mundo tão complexo, respondeu: — Anarquia total, talvez? quem sabe? descentralização, desorganização, individualismo total.

Comunismo e Anti-Comunismo

Por LUCE FABRI

Comunismo é outra palavra, na aparência, precisa, porém, na realidade, variável de acordo com a procedência e as projeções dos raios luminosos: duas pessoas podem declarar-se filo-comunistas por motivos opostos, respondendo a duas interpretações divergentes da mesma palavra. Há os que são anticomunistas por amor ao socialismo e à liberdade e há anticomunistas por medo ao socialismo e pelo desejo de um governo forte, que tenha submissas as massas operárias.

Até a revolução russa, o comunismo era, no campo internacional, simplesmente uma escola do socialismo; seu conteúdo doutrinário era essencialmente econômico ("a cada um segundo suas necessidades; de cada qual segundo suas possibilidades") e podia-se conciliar — segundo a interpretação comum — tanto com a ditadura como com a democracia mais ampla e com o anarquismo. No século passado, os partidários de Bakúin chamavam-se socialistas-anarquistas; após a cisão da Primeira Internacional e da degeneração legalitária dos partidos social-democráticos, os libertários se denominaram, mais a miúdo, comunistas anárquicos, fórmula com a qual a primeira parte designava o aspecto econômico e a segunda o aspecto político de seu sistema ideal. Com a instauração da ditadura bolchevista na Rússia e a formação dos partidos comunistas, ligados ao governo russo e violentamente ditatoriais, também foi abandonado o objetivo comunista, salvo na Espanha, onde teve muita fortuna a denominação de comunismo-libertário para designar as aspirações à justiça social, à liberdade política, à autonomia municipal, de grandes massas que seguiram e seguiriam ainda — se pudessem fazê-lo — a orientação da Confederação Nacional do Trabalho, organização prevalentemente anarquista, que imprimiu seu selo a todo o movimento anti-fascista correspondente à guerra espanhola de 1936-39.

Porém, se prescindirmos de Espanha, a palavra "comunismo" permaneceu vinculada, a partir de 1917, mais ou menos diretamente com a Rússia e com o governo russo, monopolizado por um partido — o bolchevista — que, desde seu congresso de Praga em 1912, se chama comunista. Desses partidos, através do Comintern antes e do Cominform agora, dependem os diversos partidos comunistas que se formaram em todos os países nos primeiros anos da revolução russa, geralmente com base nas cisões dos partidos socialistas (!) a cuja "esquerda" se situaram, absorvendo ao mesmo tempo seus elementos mais autorizados e os mais radicalmente revolucionários. No ardente pós-guerra de 1918 a 1924, olhavam para os partidos comunistas as massas operárias que desejaram a terra os camponeses, as fábricas para os operários, ideal que o socialismo democrático se mostrava incapaz de realizar através dos parlamentos. A fórmula todo poder aos soviets, definidos estes como conselhos de operários, soldados e camponeses, respondia exatamente às aspirações do momento, pelo menos na Europa; a magia dessa fórmula deu vida aos partidos comunistas ocidentais, precisamente quando os Soviets russos eram estrangulados em silêncio (ainda que pese o trágico protesto dos marinheiros de Kronstadt) pela ditadura do partido bolchevista. A expressão, logicamente absurda e contraditória, porém, vigorosa e sedutora, da "ditadura do proletariado", que satisfazia mais o baixo instinto autoritário da massa do que suas aspirações emancipadoras, serviu para ocultar por certo tempo o abismo — que Lênin se ufanou de proclamar teoricamente, em seu livro sobre o Estado — entre socialismo e poder político. Durante esse breve lapso se instaurou o fascismo na Itália e surgiram as ditaduras de caráter classista e declaradamente anti-socialista em outros países da Europa. O perigo comunista foi na Itália um dos pretextos para a instauração da ditadura fascista; simplesmente um pretexto. Não se temia o partido comunista, que não era bastante forte para inspirar medo, mas o impulso popular para o socialismo, alimentado, é verdade, pelo exemplo da revolução russa vitoriosa.

SINDICATOS ESCRAVIZADOS COM ATOS DE REBELDIA, CONQUISTARÃO OS OPERÁRIOS A LIBERDADE SINDICAL

Isso temos nós proclamado desde os omissos tempos de Lindolfo Collor. Nessa época, início das leis trabalhistas, somente nós, os libertários, guerreávamos tais leis. A tapeação socialista do fascismo nascente entusiasma-va quase toda a imprensa burguesa, onde Mussolini imperava.

Sómente nós, anarquistas, bradávamos e lutávamos pela liberdade sindical. Os bolchevistas, rotulados de comunistas, acabaram aderindo à cartela sindical, traíndo assim os sindicatos e ajudando a matar-lhes a liberdade.

Agora, toda essa imprensa aplaudidora de Collor proclama, como de-sestré e injustiça, a escravização dos Sindicatos.

Assim, o Correo da Manhã, de 13 de novembro último, descobre, escandalizado, que o Ministério do Trabalho, por obra do seu interventor sindical, é dono do sindicalismo.

Note-se essa expressão errada: dono do sindicalismo. Ele queria dizer: dono dos sindicatos. Sindicalismo é uma doutrina, quando muito uma política.

Ora, vejamos o fato que despertou o grande jornal carioca. Para isso, o melhor é transcrever tudo. Assim, os trabalhadores terão os assuntos expostos por gente enfrontada nos truques e lábios do Ministério do Trabalho.

Diz o Correo: "A Constituição garante a autonomia sindical. Mas o Ministério do Trabalho continua sendo o dono do sindicalismo. Aqui vai um exemplo: O Departamento Nacional do Trabalho propôs e obteve do ministro respectivo que se prescindisse do pronunciamento da assembleia sindical do Sindicato dos Empregados em estabelecimentos Bancários para aprovação dos orçamentos, despesa e receita da entidade profissional. Ouído, a certa altura, do pedido, disse o consultor jurídico do Ministério do Trabalho: — Se a realização da assembleia geral, como demonstram as informações constantes do processo, é prejudicial à efetivação dos objetivos que inspiraram a necessidade da intervenção, manda o bom senso que se deite de promover aquela formalidade, uma vez que já dispõe o Ministério de poderes legais para decidir sobre a proposta orçamentária, sem consulta à Assembleia — A Confederação Nacional dos Tra-

balhadores na Indústria decidiu praticamente não permitir a intervenção projetada pelo Ministério do Trabalho. Aliás, o ministro, em face do caso dos oito milhões de cruzeiros entregues pela Comissão do Imposto Sindical ao presidente daquela entidade operária, resolveu bloquear as contas da Confederação no Banco do Brasil. Segundo se informa, um contador do Ministério foi então enviado à C.N.T.I. a fim de examinar, em nome do governo, as contas respectivas. Os dirigentes da entidade, entretanto, recusaram permitir esse exame. Alegaram que, pela Constituição, é assegurada liberdade sindical, não podendo o Ministério do Trabalho imiscuir-se nos negócios internos das organizações operárias.

Releva notar que esse ponto de vista é, pela primeira vez, exposto contra ato oficial."

Esse exemplo do integral domínio dos sindicatos pelo aparelho estatal, exemplo muito igual a numerosos outros, provocou, entretanto, outro exemplo, e esse único, inédito, de uma reação benéfica. Até que enfim já um órgão trabalhador tem o atrevidimento de arrostar o todo poderoso Ministério assessorado pela matrona ilustre, a Polícia.

Qualquer que haja sido o resultado de tal insubordinação, a audácia é sintoma avissareiro de uma possibilidade redentora. A redenção dos sindicatos advirá, sem nenhuma dúvida, da repetição desses atos de rebeldia. Quase sempre, os tiranos e seus órgãos só se mantêm por um prestígio adquirido anteriormente. Estão a cair de podres, mas se sustêm nos pés bichados, por não lhes usarem os súditos empurrões violentamente. A realidade em França caiu porque um dóido qualquer se arremessou contra a Bastilha. Getúlio caiu por idéntico impulso. O Ministério do Trabalho cairá quando um sindicato qualquer resolver firmemente, apoiado na Constituição Federal, mandar às fayas ministros e interventores, leis trabalhistas e tribunais respectivos.

Estamos certos de que essa ousadia contamará os trabalhadores e eles tomarão conta dos seus sindicatos para gerir seus haveres e cuidar dos seus problemas como lhes der na telha.

Escravizados a meia dúzia de burgueses bem pagos para dominá-los é que não vai.